

## 4.

### Considerações Finais

Como foi visto até aqui, a constatação de controvérsias insolúveis e o reconhecimento da relatividade de todo o conhecimento humano, a partir do próprio uso e esgotamento da razão, fizeram com que Montaigne desconfiasse de toda e qualquer tentativa de estabelecimento de verdades absolutas e universais. A percepção humana, por ser inevitavelmente relativa às condições à que está sujeita e às circunstâncias em que se insere o investigador, não é capaz de oferecer uma interpretação objetiva, mas apenas um ponto de vista sobre o real. Além disso, a variedade, qualidade mais universal que, segundo ele, abarca a existência humana, tornaria impossível qualquer esforço no sentido de reduzir a experiência a um conjunto de leis e regras fixas. Se tais considerações nascem em Montaigne a partir de experiências por ele vividas, é inegável, contudo, que elas encontram na leitura do ceticismo elementos que lhe permitem uma elaboração teórica consistente. Assim, longe de advogar uma forma de irracionalismo e declarar o fim de toda a possibilidade de conhecimento - afirmação esta demasiado dogmática para ele -, Montaigne defende, conforme o próprio ceticismo, um processo de investigação, ancorado no mundo concreto e consciente de suas próprias limitações.

A experiência intelectual e a produção dos *Ensaio*s é por Montaigne compreendida como o exercício de sua faculdade do juízo, que acaba por lhe revelar antes a sua perspectiva sobre o mundo e sobre si mesmo, que não raro sofre mudanças e se contradiz, do que as coisas em si. A atividade investigativa torna-se, assim, indissociável do processo de auto-conhecimento. Ao acompanharem a mirada de seu autor, os *Ensaio*s constituem um projeto interminável, consciente da deformação que por ora provoca, na medida em que representa ao mesmo tempo em que transforma o “eu” de Montaigne. A expressão do pensamento que se dá na escritura dos *Ensaio*s supera a simples erudição livresca e assume um caráter formador, uma vez que publicar a “medida de sua visão” sobre o mundo que o rodeia estimularia nele a virtude. Isto porque, como ele próprio diz no último livro, obrigar-se a tudo dizer significa obrigar-se a nada fazer que não se ouse confessar. (III, 5, p.

90) A obra torna-se então um ato contínuo de compreensão e formação de si mesmo, através do exercício intelectual de exploração de diferentes perspectivas e justaposição de opiniões das mais distintas. Seu autor, Michel de Montaigne, não hesita em pronunciar julgamentos, em colocar em prática a sua faculdade de juízo, mas ele o faz consciente de que isto exprime a sua opinião, as suas verdades, que são indissociáveis de suas vivências e que não se pretendem absolutas. É, ainda, pelo fato dos *Ensaio*s exprimirem a individualidade do autor que eles só fazem sentido quando tomados como um todo, pois é apenas na multiplicidade que encerra a obra, que se torna minimamente inteligível o percurso intelectual mais amplo de revelação do seu “eu”. Não se trata propriamente da apreensão de uma essência e, portanto, da apresentação de sua individualidade, mas antes de aproximações que se dão através da exposição contínua de traços de sua personalidade, tal como ela se mostra para ele e para o mundo.

De acordo com Pierre Villey, o título que Montaigne deu à sua obra é provavelmente posterior à redação de seus primeiros ensaios e, portanto, data de um momento em que o autor já devia ser bastante consciente do significado de seu projeto. O verbo *essaier* significa tentar, ou experimentar e traz consigo a conotação de um exercício intelectual, que não encontra um fim determinado e que não pretende oferecer um conjunto fechado de verdades. Mas a mesma palavra também deriva do termo latino *exagium*, que significa literalmente pesagem, ou o ato de pesar. Neste sentido, ensaiar também quer dizer pesar doutrinar e idéias, explorar a pertinência de diversas perspectivas, colocando-as na balança. Luiz Eva lembra, além disso, que Jacques Amyot, na tradução sua de Plutarco, amplamente elogiada e freqüentada por Montaigne, escolhe exatamente o termo *essay* para traduzir a investigação dubitativa acadêmica. (Eva, 2007, p. 229-30) Neste contexto, ao eleger o título de sua obra, Montaigne estaria, senão expressando a sua filiação à esta escola filosófica, no mínimo identificando a criação ensaística com uma postura filosófica dubitativa. A despeito das variações sutis que o significado deste termo pode assumir, é preciso notar que todas elas contribuem para trazer à luz o conteúdo fundamental dos *Ensaio*s, que consiste na defesa de uma atividade filosófica que se define pelo processo mesmo de investigação.

Por conseguinte, quando ele diz não querer ser filósofo, é preciso interpretar tal afirmação no contexto de sua crítica à filosofia “verborrágica” de seu tempo. Ainda que de fato defenda uma posição de exterioridade em relação à toda e qualquer escola, é impossível deixar de constatar a importante contribuição que a ampla apropriação da história filosófica, por parte de Montaigne, deu à formação dos *Ensaaios*. Neste contexto, é preciso reconhecer que a leitura do ceticismo, em especial, das *Hipotiposes Pirrônicas*, exerceu um papel fundamental para o amadurecimento da postura dubitativa e da atitude crítica que Montaigne mantém diante da filosofia e do conhecimento. A posição de exterioridade é, pois, compartilhada pelos cétricos, que, diante dos eternos desacordos entre as filosofias dogmáticas, preferem manter-se em suspenso e seguir investigando. Vale dizer que o ceticismo, tal como apresentado por Sexto Empírico, caracteriza-se não pela defesa de um conjunto de teses, mas por um engajamento. A escola cética é também ora chamada de zetética, graças à sua atividade de contínua investigação e inquirição, ora de aporética ou dubitativa, pelo seu hábito de duvidar e questionar as afirmações dogmáticas. (Sextus Empiricus, 1990, p. 17) Ainda que possa ser difícil conceber Montaigne como parte de uma única tradição – até porque ele mesmo diz ser um “filósofo de nova figura” –, o proceder filosófico que permeia os *Ensaaios* em muito se assemelha ao engajamento cético de ênfase no processo de investigação, que se ancora no mundo concreto e que, embora não se abstenha de pronunciar opiniões e juízos, se mantém em suspenso diante de matérias obscuras e não-evidentes.

Ainda que não tenha pretendido, com a sua obra, inaugurar um novo gênero literário, adequado à expressão da filosofia cética, o fato é que os *Ensaaios* abriram o caminho para toda uma tradição que busca exercitar o pensamento informalmente, sem necessariamente estabelecer verdades definitivas. No entanto, como se pretendeu mostrar neste contexto, o significado dos ensaios montaigneanos e de sua forma ultrapassam a idéia de informalidade e tentativa e mantêm uma íntima ligação com uma postura filosófica cética. A despeito da contribuição de outras escolas filosóficas e literárias para a formação da estrutura dos *Ensaaios*, é impossível deixar de notar a afinidade entre a *zétesis* cética e a expressão do exercício filosófico de Montaigne. Ao trazer à luz determinados aspectos da forma ensaística que ilustrariam uma visão de

mundo marcada por elementos céticos não significa afirmá-los como a expressão única e exclusiva desta corrente filosófica. No contexto desta dissertação, pretendeu-se antes chamar a atenção para a presença do ceticismo na criação ensaística, que pode ser notada na articulação entre forma e conteúdo.

Neste sentido, o pronunciamento de reflexões marcadamente céticas, como as examinadas na Parte I, encontra o seu complemento nas características formais da criação ensaística, tais como analisadas na segunda parte. Assim, para além de determinados dados biográficos e de afirmações específicas, que demonstrariam uma proximidade de Montaigne com relação ao ceticismo, a maneira filosófica assumida por ele e a própria forma dos *Ensaïos*, tal como por ele concebida, também significam esta mesma proximidade. Isto porque, a recusa em colocar um fim em suas reflexões, a ênfase antes no processo investigativo, para além do estabelecimento de princípios estáveis, a exploração de perspectivas opostas, o embate entre distintos pontos de vista, a eleição de uma linguagem concreta, ancorada no mundo cotidiano, a desconfiança em relação à exemplaridade de modelos e ensinamentos, a sensibilidade para com a variedade existencial humana, além da vinculação entre atividade intelectual e vivência do sujeito de conhecimento são características próprias da forma ensaística, afins ao engajamento filosófico cético.

O ceticismo dotou a sua percepção acerca da variedade e da relatividade ética e intelectual de um aporte filosófico e os *Ensaïos* constituem a representação desta constatação fundamental. Os escritos de Montaigne assumem, conforme o ceticismo, a forma de uma investigação que é, ao mesmo tempo consciente, da impossibilidade de se passar para o outro lado - para o lado das essências - e incansável. Tornam-se, assim, a expressão de uma reflexão que se sabe relativa e provisória, em que o caminho percorrido é tão ou mais importante do que o estabelecimento de uma conclusão definitiva. Torna-se ainda importante notar que a ênfase por parte de Montaigne na própria subjetividade não encontra antecedentes na história filosófica cética. No entanto, se ensaiar é a expressão da medida de sua visão, e não das coisas tais como elas são, pode-se dizer que o ensaísta se aproxima do cronista, tal como apresentado por Sexto Empírico nas *Hipotiposes*, que registra não as coisas como são, mas como lhe aparecem.

